



**Rito de passagem.** Cristiellen Pereira procura sinal para o celular e conexão para o laptop: durante seis meses, ela buscou vagas na internet. Sem encontrar emprego, investiu em qualificação e hoje faz um curso de Técnica em Enfermagem

A SAGA DO PRIMEIRO EMPREGO

UMA ROTINA DE PORTAS FECHADAS PARA OS JOVENS

Durante seis meses, O GLOBO acompanhou seis brasileiros em busca de trabalho. País tem 5 milhões de desempregados entre 14 e 24 anos

DANIELLE NOGUEIRA, DAIANE COSTA E ANA PAULA RIBEIRO  
economia@oglobo.com.br

Eduardo, Cristiellen, Lucas, Tamela, Bárbara e Gabriel fazem parte de uma geração de jovens que chega ao mercado de trabalho na maior crise econômica do país em um século. Cinco milhões de brasileiros, de 14 a 24 anos, estão em busca de emprego, segundo os dados mais recentes do IBGE. Eles representam 42% do total de desempregados do país. O GLOBO acompanhou esses seis jovens por seis meses. Eles mostram que o sucesso ou a frustração na saga por uma primeira oportunidade não é explicada apenas pela conjuntura econômica. Os obstáculos vão desde o nível de instrução e a área que abraçaram até a personalidade, moldada pelo ambiente em que cresceram. Passam ainda por barreiras impostas pelos empregadores, como um visual fora do padrão e a distância entre casa e trabalho.

É consenso entre especialistas que, quanto maior a escolaridade, maior a chance de conseguir emprego e ganhar mais. No entanto, para o jovem, ter passado pelos bancos escolares ou ter um diploma não é garantia de ingresso no mercado de trabalho, um dos ritos de passagem para a vida adulta. Pesa sobre eles a falta de experiência. Esse é um dos fatores que os torna o grupo mais penalizado na crise. Eles não apenas têm as maiores taxas de desemprego — um em cada quatro jovens de 18 a 24 anos está sem trabalho — como foram os que mais perderam renda.

**QUEDA MAIOR NA RENDA DOS MAIS JOVENS**  
Levantamento feito pelo economista **Marcelo Neri**, diretor da FGV Social e ex-presidente do Ipea, mostra que, no segundo trimestre deste ano, a renda média real dos jovens de 15 a 19 anos havia caído 13,6%, mais que o dobro da média geral (5,6%), em comparação com igual período do ano passado. Para os de 20 a 24 anos, a renda encolheu 9,2%. Na faixa etária de 25 a 29 anos, a queda foi de 7,8%. — A vida do jovem no mercado de trabalho, mesmo com educação, não é fácil. Mas sem educação seria muito mais difícil. Historicamente, a taxa de desemprego é sempre mais alta para esse grupo, seja pela falta de experiência ou pela elevada rotatividade, pois ele sempre quer experimentar coisas novas. O jovem é irrequieto. Até

certo ponto essa busca é saudável — diz **Neri**. Essa inquietação é exacerbada nos jovens que nasceram na década de 1990, a chamada Geração Z. Imersos em um mundo digital, foram criados em uma sociedade marcada pelo imediatismo. Buscam resultados rápidos e são capazes de recusar oportunidades porque o salário é baixo, mesmo estando desempregados. — A Geração Z nasce em uma sociedade marcada pelo mito do enriquecimento rápido e do sucesso imediato. Isso faz o jovem acreditar no crescimento meteórico e que aquele que não seguir esse caminho está inadequado. Por isso, muitos esperam o que seria a hora certa para atingir seus objetivos e acabam rejeitando oportunidades — diz o filósofo e escritor Mario Sérgio Cortella.

Esses jovens cresceram num momento em que a economia brasileira prosperava. A crise foi um banho da água fria nas suas expectativas e eles tiveram que aprender a lidar com a frustração de não encontrar emprego ou ter de fazer um desvio de rota. Dos seis jovens que o GLOBO acompanhou, metade está desempregada. Os outros três conseguiram trabalho em áreas distintas das que desejavam.

Bárbara fez curso técnico de Turismo e hoje trabalha como auxiliar administrativa. Gabriel fez curso técnico de Administração de Empresas, mas virou porteiro. Lucas formou-se em Relações Internacionais e acabou numa empresa de *games*. O engenheiro e civil Eduardo e as jovens Cristiellen e Tamela, ambas com ensino médio, continuam desempregados.

É comum o jovem, ao não encontrar trabalho em sua área, ser pouco seletivo e disparar para todos os lados, mesmo sem ter o perfil desejado para as vagas pretendidas. Cada não que ele escuta, porém, pode minar ainda mais sua disposição de seguir em frente, avalia Paulo Sardinha, presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos no Rio de Janeiro. Para Sardinha, falta paciência aos jovens para entender que, às vezes, é preciso “dar um passo para o lado”, ou seja, aceitar um emprego mesmo que não seja o dos sonhos: — A entrada no mercado tem de ser encarada como uma oportunidade de ter a própria independência. É legítimo o sonho de poder trabalhar com o que se gosta, mas existe uma fantasia sobre esse ser o único caminho. ●

*Tempo de espera por uma vaga ultrapassa nove meses, na página 33*

TODAS AS HISTÓRIAS



Eduardo Buys, 27 anos

Formou-se em Engenharia Civil pela UFRJ em outubro do ano passado. Na época, era estagiário em uma construtora, mas não foi efetivado. Frustrado por não conseguir emprego na área, mudou-se, no fim de setembro, da casa dos pais, no Recreio, para os EUA



Bárbara Pinheiro, 18 anos

Ainda não completou o ensino médio. Apesar da baixa escolaridade, teve três empregos em seis meses e, insatisfeita, pediu demissão de um deles. Nos processos seletivos, escondia o piercing e suas cinco tatuagens. Mora com a mãe e avó, em Irajá



Gabriel Durans, 19 anos

Concluiu o ensino médio no fim de 2014 e tem curso técnico em Administração. Após mais de um ano sem conseguir emprego, virou porteiro e dá aula de bateria nas horas vagas. Morador de Itaipu, em Niterói, está estudando para ser mecânico de aviação



Cristiellen Pereira, 18 anos

Tem ensino médio completo e mora em Deodoro. A procura pelo primeiro emprego confundiu-se com a busca por autonomia. Com pais superprotetores, tinha medo de andar de ônibus sozinha. Não conseguiu trabalho, mas se matriculou em uma autoescola



Tamela Cirsa, 18 anos

A jovem não conhece o pai e mora com a avó, três tias e os maridos delas em Guaianazes, Zona Leste de São Paulo. Com ensino médio, conseguiu bolsa num curso técnico em hotelaria no horário vespertino, mas pode ter que desistir porque precisa trabalhar e ajudar a família



Lucas Stanzani, 24 anos

Formou-se no fim do ano passado em Relações Internacionais na PUC-SP, mas antes de ir para São Paulo morava com a família em Bebedouro, interior paulista. Sem conseguir emprego na área, aceitou uma colocação na área administrativa de uma empresa de jogos



miriamleिताo@oglobo.com.br

# MÍRIAM LEITÃO



COM ÁLVARO GRIEBEL (DE SÃO PAULO)

## O rombo e a propina

Nos cofres públicos do Rio estão faltando R\$ 17 bilhões para que haja equilíbrio. O esquema de corrupção revelado pela Operação Calicute fala em R\$ 224 milhões desviados. A ordem de grandeza é diferente e pode-se pensar que é exagerada a afirmação de que há relação entre o rombo e a propina. O elo existe porque o ambiente de corrupção leva à má gestão e exaure os recursos públicos.

Os milhões da corrupção produzem os bilhões dos desequilíbrios fiscais porque toda a administração passa a girar em torno da lógica do crime. Para que o esquema funcione, é preciso retirar transparência, não prestar contas, tornar todos os números opacos. As decisões passam a ser determinadas pela corrupção.

Qual empreendimento deve ser beneficiado com redução de impostos? Deveria ser o que mais empregos cria, mais aderência tem às vantagens competitivas do estado, mais retorno trará no futuro. Mas acaba sendo aquele que aceita pagar propina. O resto não é levado em consideração porque o importante é se enquadrar na lógica do suborno que passa a dominar a gestão. As empresas que farão as obras não são escolhidas pela eficiência ou pelo melhor custo/benefício do projeto, mas porque são as que já combinaram tudo previamente e fazem parte do cartel. Em cada obra começa a haver sobrepreço e isso se espalha pelos fornecedores dos fornecedores. O custo vai inchando no ritmo da ganância de todos.

Os cofres públicos vão sendo minados por obras com custo muito mais alto do que seria o normal. E a própria noção de preço se perde porque o cartel domina as obras do estado e as empresas vencedoras das licitações vão se alternando em uma escala que elas mesmas fazem e trabalham com valores que elas escolhem. Depois que o esquema está montado no estado, a conversa passa a ser entre as empresas sobre que preços e que comissões são convenientes para aquele grupo de cúmplices.

No Rio, houve uma farra de benefícios fiscais a empresas por critérios que até agora os governantes não conseguiram explicar, mas se sabe que elas também participavam desse propinoduto, ou dando dinheiro diretamente para o esquema ou indiretamente através do contrato de serviços em empresas de participantes. A existência dos incentivos fiscais é uma porta aberta para a corrupção porque só algumas são beneficiadas enquanto o resto das empresas instaladas no estado continua pagando os mesmos impostos. Ainda que não haja cobrança de propina, o sistema gera distorções na economia. Em um momento como este, em que faltam recursos públicos, como é possível justificar que o governo abra mão de recolher impostos?

Quem acompanhou os relatos feitos pelos policiais e investigadores da Operação Calicute viu a repetição dos mesmos esquemas revelados em outros casos. As autoridades usam pessoas próximas, e de confiança, como operadores para cobrar as comissões, que podem se chamar pixuleco, contribuição, doações para campanha, ou oxigênio. As empresas pagam um percentual para o grupo e têm lucros exorbitantes com a cobrança de um preço muito maior pelas obras. O roteiro é tão conhecido que é até espantoso que ele seja sempre repetido. Há alguns que são mais explícitos. Se ficar comprovado o que foi dito, esse é o caso do ex-governador Sérgio Cabral, que cobraria propina com parcelas mensais altas e crescentes.

Cabral cultivou a imagem de bom administrador e durante algum tempo houve muita esperança. A Secretaria da Fazenda esteve sob o comando de Joaquim Levy. O Rio tinha um projeto de combate ao crime com a Secretaria da Segurança controlada por José Mariano Beltrame e conseguiu um salto no desempenho das escolas com a Secretaria da Educação nas mãos de Wilson Risolia. Não foi sem razão que seu nome passou a ser cotado até para projetos mais altos.

A conta tem que somar perdas tangíveis e intangíveis. O sobrepreço de cada obra, o custo das propinas pagas aos governantes e seus operadores, o descuido com as contas públicas, a perda de bons projetos na área da educação e segurança. O Rio está agora em situação de calamidade. Quanto disso resulta da corrupção? Difícil o cálculo exato, mas a corrupção deixa por onde passa um rastro de destruição. Seu custo nunca é apenas o valor do que foi desviado. ●

## A SAGA DO PRIMEIRO EMPREGO



Saída pelo Galeão. Eduardo Buys não foi efetivado após o estágio. Sem encontrar vaga de engenheiro, foi trabalhar na loja dos pais. Depois optou por morar nos EUA

## TEMPO DE ESPERA POR UMA VAGA ULTRAPASSA NOVE MESES

A falta de perspectivas de uma vaga na sua área de formação levou Eduardo Buys, de 27 anos, a sobrevoar o Oceano Atlântico, rumo aos Estados Unidos, exatamente um ano após ter recebido o diploma de Engenheiro Civil pela UFRJ. Ele desembarcou em Nova York no fim de setembro. Na bagagem, levou a expectativa de compensar a falta de oportunidades de trabalho no Brasil ganhando experiência de vida.

— Na minha área não surgiu nada nesse tempo todo. É zero vaga. E, se surge para um amigo, é porque alguém o indicou. Não estou conseguindo esses contatos. Depois de estudar por tanto tempo, é frustrante. Mas temos de entender que o momento do país não é o melhor e não vai melhorar tão cedo. Por isso, enquanto essa maré ruim não passa, vou aprender outra língua, outra cultura. Assim, não saio perdendo — diz o engenheiro civil, ressaltando que contou com o apoio dos pais.

Mais jovens como Eduardo ficaram desempregados durante a recessão. E passaram a viver nessa condição por muito mais tempo. Levantamento exclusivo feito pelo Dieese mostra que o tempo médio de procura por trabalho entre pessoas de 16 a 29 anos das regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza e Brasília aumentou em dois meses e meio nos últimos três anos. Em setembro de 2013, o jovem aguardava sete meses por uma oportunidade. Em setembro deste ano, a espera já chegava a nove meses e meio. À medida que o tempo passa, aumenta a frustração de quem sonha em arranjar um emprego.

— O desemprego de longa duração dificulta a trajetória profissional desses jovens e os coloca em situação de perigo social. Quando a juventude tem dificuldade no mundo do trabalho, ela recorre à escola. E quando não há essa alternativa, como hoje, em que os próprios jovens questionam a qualidade do ensino, vide a ocupação das escolas, ele recorre à inatividade. Temos uma juventude sem esperança. Economicamente é um desperdício. O futuro do país foi colocado em xeque — analisa Lúcia Garcia, coordenadora técnica do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego do Dieese.

**MATURIDADE PARA LIDAR COM FRUSTRAÇÃO**  
Fausto Augusto Junior, coordenador de Educação da entidade, diz que esse aumento do tempo de procura é anormal e reflete a deterioração da renda das famílias. Ele acredita ser papel do Estado retardar a entrada do jovem no mercado de trabalho, para que ele permaneça mais tempo na escola:

— Com as condições financeiras das famílias agravadas com a recessão, muitos jovens foram empurrados precocemente para o mercado. O jovem não sai da escola porque ela é ruim, mas porque é impellido a ir procurar emprego. E, nesse momento em que há menos vagas disponíveis e mais gente procurando, aumenta o tempo do desemprego.

Eduardo de Oliveira, superintendente educacional do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), recomenda que, diante da escassez de recursos, os jovens procurem cursos à distância oferecidos de forma gratuita, que incluem ensino de línguas estrangeiras, técnicas de administração, marketing de vendas e conteúdos específicos para determinadas áreas.

Para a psicóloga Monica Portella, associada ao Instituto Internacional de Psicologia Positiva, falta ao jovem de



Morador de Itaipu, em Niterói, Gabriel Durans sai de casa diariamente às 5h30m. Na mochila, não faltam café, para se manter acordado, o lanche preparado pela mãe e o inseparável notebook. Entre uma correspondência que recebe do carteiro e uma chamada pelo interfone, ele aproveita qualquer brecha para estudar. É porteiro de um prédio em Icaraí desde maio, mas se prepara para fazer uma prova da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) e, assim, conseguir habilitação de mecânico de avião. “Não quero ser porteiro para sempre, mas foi o que apareceu. Sigo estudando”, diz.



Numa tarde de junho, Eduardo Buys percorria o caminho entre o depósito e a geladeira de bebidas da loja de conveniência que os pais administram em uma avenida movimentada da Barra da Tijuca. Dessa forma, ocupou os dias, enquanto procurava emprego na área de engenharia civil. Além da reposição de produtos, também realizava o transporte das mercadorias dos fornecedores até o pequeno comércio.

“Depois de estudar por tanto tempo. É frustrante não trabalhar na minha área. Mas, se estivesse parado, estaria com depressão”, contou.

hoje capacidade para lidar com a frustração na busca por uma vaga:

— Essa geração é imediatista, acredita que basta apertar um botão para conseguir o que quer. Mas o mundo real não é assim. É preciso desenvolver resiliência, a capacidade de se frustrar e sair fortalecido da situação. Uma competência que é aprendida ao longo da vida e que os jovens de hoje têm muito pouco desenvolvida.

### ‘É O QUE TEM PARA HOJE’

Nos dois últimos anos de faculdade, Eduardo estagiou em uma construtora. Mas, ao concluir o curso, em vez de ser efetivado, foi dispensado, pois o mercado para o setor já havia encolhido:

— Até tentaram me colocar como auxiliar de engenharia depois que me formei. Sabia que ia ganhar um pouco menos do que esperava, mas era o que tinha. Mas nem isso rolou, porque apenas duas das quatro obras previstas saíram do papel — conta o jovem engenheiro.

Para tornar os meses de espera por uma outra oportunidade menos angustiantes e não perder a autoestima, Eduardo passou a ajudar os pais na loja de conveniência da família, localizada na Barra da Tijuca. Ficou responsável pela reposição de estoques. Eduardo também se aventurou na ocupação da moda. Em maio, fez um bico como motorista do Uber usando o carro do irmão, que já era cadastrado no serviço. Mas, em vez de uma renda extra, acabou levando um grande susto. Na segunda semana, se envolveu em um acidente de trânsito na Avenida Brasil:

— Não me machuquei, mas o carro foi para a oficina e lá ficou um bom tempo. Voltei a ajudar meus pais na loja.

Especialistas recomendam seguir com projetos paralelos. Afinal, a vida continua. Gabriel Durans, de 19 anos, concluiu o ensino médio no fim de 2014. Com um diploma de curso técnico em administração pelo Senac em mãos, participou de processos seletivos de grandes empresas por quase um ano e meio.

A única porta que se abriu foi a de um prédio residencial em Icaraí, Niterói, onde trabalha como porteiro desde maio. Gabriel vê o emprego, que lhe rende R\$ 1.200 mensais, como algo temporário e alimenta o sonho de cursar uma faculdade. Enquanto não consegue, dá aula de bateria para garantir uma renda extra e acaba de gravar o primeiro clipe de sua banda, a Pro X, que toca músicas evangélicas:

— Sempre busquei minha independência financeira. Quando estava na escola, vendia salgado. Ser porteiro não é o que queria. Mas é o que tem para hoje. Em paralelo, faço apresentações em igrejas com minha banda. Isso me faz bem. Nosso próximo passo será gravar um CD.

Além de ajudar a reduzir a angústia, especialistas afirmam que o envolvimento em projetos, de cunho social ou *hobbies* coletivos, amplia a rede de relações interpessoais, o que pode acabar sendo um atalho para uma vaga. Mal não faz. ●

**DICAS PARA SE DAR BEM NUMA ENTREVISTA DE EMPREGO**

Teste mostra quais os principais erros cometidos pelos candidatos

<http://bit.ly/2fdjH6f>

Não basta emprego. Geração Z também quer satisfação, na página 36



## A SAGA DO PRIMEIRO EMPREGO



Resultado. Bárbara Pinheiro começou a trabalhar numa agência de turismo, mas pediu demissão: "Não estava sendo produtivo, era longe da minha casa e queria curtir a Olimpíada"

## NÃO BASTA EMPREGO. GERAÇÃO Z TAMBÉM QUER SATISFAÇÃO

Eles rejeitam propostas mesmo desempregados e deixam as empresas se não estão satisfeitos. Assim é a Geração Z, jovens que nasceram entre 1990 e 1999 e que, até 2020, serão 20% da força de trabalho mundial, segundo pesquisa da empresa de recrutamento Robert Half. Para jovens com esse perfil, que têm entre 17 e 26 anos, a dificuldade de encontrar ou se manter num emprego vai além da crise. Imersos no mundo digital e criados numa sociedade marcada por imediatismo e valorização do prazer pessoal, buscam resultados rápidos e elegeram a qualidade de vida como uma de suas prioridades. Para muitos, as referências são celebridades, jogadores de futebol ou jovens que fundaram *start-ups* e viram o número de zeros triplicar na conta bancária em pouco tempo. Não à toa, salários generosos estão entre as sete prioridades dessa geração quando procuram emprego, segundo a Robert Half. Jornada flexível e busca por um propósito no trabalho são fatores levados em consideração na hora de escolher a vaga que pretendem disputar. Formado em Engenharia Civil pela UFPR e nascido numa família de classe média alta no Rio, Eduardo Buys, de 27 anos, chegou a concorrer a uma vaga de analista de dados esportivos para ganhar R\$ 2 mil por mês. Ele estava há mais de seis meses desempregado, mas resistia em aceitar a proposta. — Se me chamarem, não vou. O salário é muito baixo — disse o rapaz, em junho, quando participava do processo seletivo. Parte da resistência de Eduardo deve-se à reviravolta no mercado de trabalho com a crise econômica. Em 2015, quando a demanda por engenheiros civis ainda estava inflada, o salário oferecido a um recém-formado em processos seletivos da empresa de recrutamento PageGroup era na faixa de R\$ 8 mil mensais. Em 2016, nas poucas vagas para esse perfil de profissional, o salário é de R\$ 6 mil.

— Quando eles completam um ano de formado e estão desempregados, bate o desespero. Ai começam a olhar outras opções. Essa demora em perceber o que está acontecendo se deve ao fato de que esses jovens não estão acostumados com a crise. Estagiaram num momento em que a economia ia bem, tinham expectativa de que iam arrumar um bom emprego — avalia Viviane Prado, gerente da Page Personnel, um dos braços do PageGroup.

A inquietação, típica da juventude, é exacerbada na Geração Z e independe de classe social. Com uma dependência em Física que não lhe permite concluir o ensino médio, Bárbara Pinheiro, de 18 anos, fez o curso técnico em Turismo. Começou a procurar trabalho no início do ano. Queria ajudar em casa, já que a mãe recebe auxílio-doença de R\$ 900 por mês e a avó, uma pensão de R\$ 3 mil. Após ser demitida no seu primeiro emprego, em junho passado, começou a trabalhar numa agência de turismo, na Barra da Tijuca (Zona Oeste do Rio), em agosto. Duas semanas depois, pediu as contas.

— Não estava sendo produtivo, era longe da minha casa e não estava curtindo a Olimpíada — disse Bárbara, que mora em Irajá, na Zona Norte, e passou a aproveitar o tempo livre para ser guia informal de duas americanas de passagem pela cidade.

## EMPRESAS TAMBÉM PRECISAM SE ADAPTAR

O baixo tempo de permanência dos jovens no trabalho preocupa as grandes corporações.

— Os jovens de hoje têm menos apego ao emprego. Num momento de escassez de recursos como o que vivemos hoje, isso é preocupante. Você treina e depois o cara vai embora — diz Fernando Mantovani, diretor de Operações da Robert Half.

Da mesma forma que a inquietação pode se tornar um problema — para a empresa e para o futuro profissional — ela também é virtude. É difícil definir

o limiar entre as vantagens e desvantagens desse comportamento. Anamaira Spaggiari, coordenadora de Carreiras da Fundação Estudar, aconselha os jovens a tentar deixar um legado. Se concluíram um projeto, por exemplo, podem se dar por satisfeitos e preparados para iniciar um novo ciclo em outro lugar. Ela enfatiza que as empresas precisam se adaptar, oferecendo tarefas mais desafiadoras, que levem os jovens a ter vontade de ficar e aprender.

O curto tempo de permanência no emprego, no entanto, não pode ser atribuído apenas ao imediatismo. A baixa escolaridade leva, especialmente os mais pobres, a ocuparem funções mais precárias, em que a taxa de rotatividade é tradicionalmente alta, como atendentes de telemarketing e *office boy*. Recente pesquisa do Dieese mostra que os jovens entre 18 e 24 anos ficavam, em média, 15 meses no trabalho em 2014. Além do baixo salário, que facilita a mobilidade, os trabalhadores que desempenham essas funções são alvo de frequentes cortes, em empresas que demitem funcionários para substituí-los por mão de obra mais barata.

— Os jovens de 18 a 24 anos compõem a parcela da população que acabou de ingressar ou está ingressando no mercado. Por isso, a baixa permanência no emprego é preocupante — afirma Fausto Augusto Junior, coordenador de Educação e pesquisador na área da juventude do Dieese.

Formado em Relações Internacionais pela PUC-SP, Lucas Stanzani, de 24 anos, pretende ser uma exceção às estatísticas e ficar mais tempo no emprego. Afinal, foram sete meses de procura até encontrar seu primeiro emprego em uma empresa de jogos presenciais interativos, os chamados "escapes".

— Eu me inscrevi nuns 15 programas de trainee, mas as vagas sumiram. Estou aprendendo a dinâmica do trabalho — disse, acrescentado que pensa em buscar uma nova profissão. ■



De casa nova e pronto para mudar de profissão

Lucas Stanzani se mudou para São Paulo em 2010, quando iniciou a faculdade. Desde então já morou sozinho, em república e, agora, procura apartamento com um amigo. Outra mudança que está prestes a ocorrer na sua vida é na área profissional. Sem conseguir emprego em Relações Internacionais após sete meses de busca, aceitou uma vaga em uma empresa de jogos interativos presenciais (escapes). O plano agora é investir numa nova profissão. "As vagas sumiram na minha área. Muita gente que se formou comigo está desempregada. Já penso em outras alternativas, porque esse mercado não melhora tão cedo", lamenta.

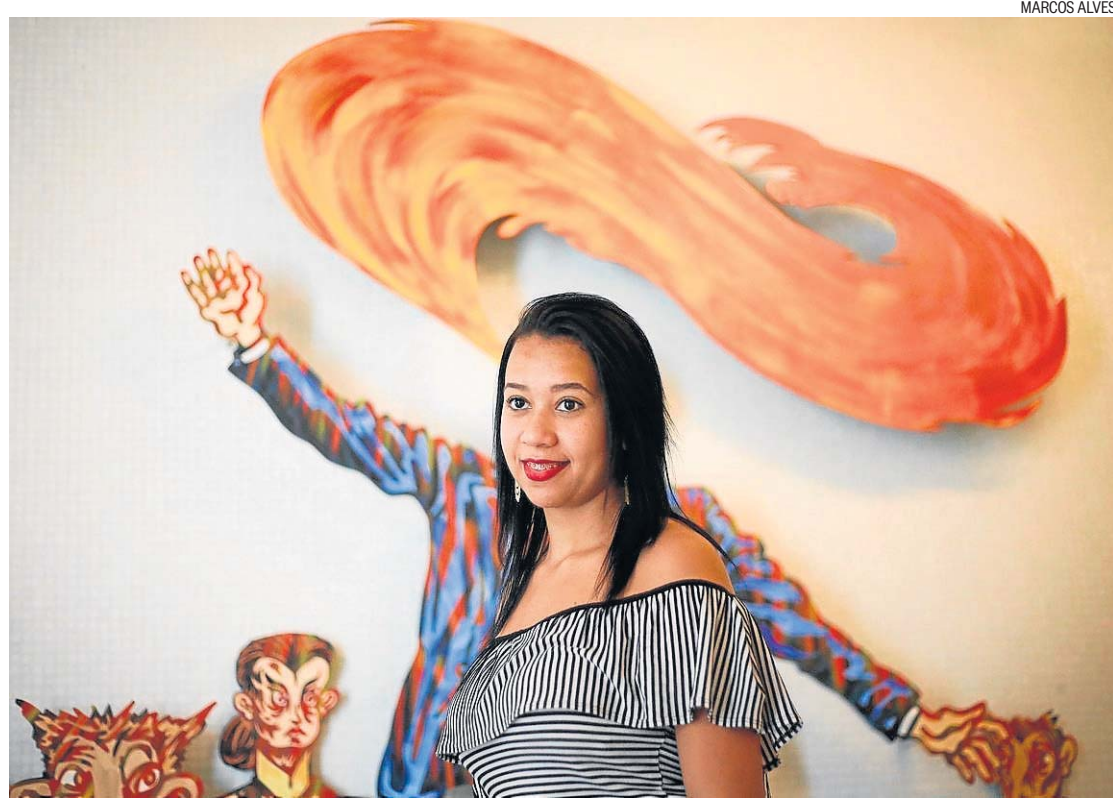


Largou o emprego após uma conversa no ônibus

Era um fim de noite de agosto. Bárbara Pinheiro voltava do novo trabalho em uma agência de turismo, na Barra da Tijuca, quando duas americanas lhe pediram informação no ônibus. Com inglês improvisado, que aprendeu vendo filmes e ouvindo música, a jovem emendou num papo que terminou em um convite para ser guia de turismo das turistas no Rio. Não titubeou. Deixou o trabalho em que estava há duas semanas para curtir o clima dos Jogos Olímpicos ao lado das novas amigas. "O trabalho não estava sendo produtivo pra mim. E queria curtir a Olimpíada, era um evento único", diz.

## A SAGA DO PRIMEIRO EMPREGO

## APARÊNCIA E LOCAL DE MORADIA, ENTRAVES EXTRAS NA BUSCA DO EMPREGO



Quatro horas. É o tempo que Tamela leva para ir e voltar do curso técnico. Ela sabe que só conseguirá emprego longe

não costuma aparecer de forma explícita nas entrevistas, mas é levado em consideração. A preocupação é por quanto tempo o profissional vai suportar o vaivém diário. Morar longe significa que ele terá mais estresse ou menos horas de sono, o que pode afetar sua produtividade. Levantamento do Dieese mostra que 47% dos jovens de 18 a 24 anos que moram em regiões metropolitanas levam entre 30 minutos e duas horas para fazer o trajeto entre suas residências e o local onde trabalham.

Daniela Fonseca, gerente de Operações do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE)

admite que a distância entre casa e trabalho é um componente analisado nas seleções para vagas do programa Jovem Aprendiz:

— Essa distância é considerada, pois o jovem precisa de tempo hábil para sair da escola, ir para o trabalho e ainda estudar. A ideia não é que o trabalho atrapalhe o estudo. Por isso, a vaga não comporta grandes deslocamentos.

Morador de Itaipu, em Niterói, Gabriel Duran, de 19 anos, concorreu a duas vagas de jovem aprendiz em empresas sediadas no Rio este ano. Não foi chamado para nenhuma delas.

## FAMÍLIAS TÊM O DESAFIO DE EQUILIBRAR PROTEÇÃO E AUTONOMIA

Elas têm a mesma idade, moram em bairros do subúrbio e estudaram em escola pública. Mas iniciaram a maratona do primeiro emprego de pontos de partida distintos. Cristielen Pereira é filha do militar reformado José Ricardo, e da dona de casa Edileusa. Sua mãe sempre a mantinha debaixo da asa. Costumava acompanhá-la até a porta da escola do primeiro ao último dia do ano letivo.

O ambiente em que Cristielen cresceu — até o início do ano, a família morava numa área de Deodoro próxima a favelas — foi usado como justificativa para o excesso de preocupação da mãe.

O pai, fragilizado pelas sessões de hemodiálise e pela perda parcial da visão devido ao diabetes, também queria a filha por perto. Em seis meses, Cristielen só participou de uma entrevista de

emprego. E não passou.

No mesmo período, Bárbara Pinheiro conseguiu a proeza de ter três empregos. Foi demitida de um, pediu demissão de outro e, desde setembro, trabalha na Fundação Getúlio Vargas como jovem aprendiz. Aos 18 anos, Bárbara mal conheceu o pai. Mora com a mãe, Ana Paula, e com a avó, Irecê, numa pequena casa em Irajá. Nascida em uma família de matricarças, viu a avó criar seis filhos sozinha e, desde cedo, foi estimulada a caminhar com os próprios pés.

Segundo especialistas, o ambiente familiar é um elemento crucial para que o jovem desenvolva habilidades, como proatividade e persistência, que fazem toda a diferença no momento de se dispor a uma vaga.

— Crescer isolado e protegido promove inseguranças, medos e

desconhecimento, prejudicando o psiquismo e, consequentemente, o futuro e as decisões — diz a psicóloga Cristina Silva, do espaço Crescer Psicologia.

## RITO DE PASSAGEM

A onipresença da mãe de Cristielen acabou sendo, em parte, substituída pela figura do namorado, Willamy Rocha, de 24 anos. É ele quem a ajuda a procurar vagas em sites. Na sua primeira e única entrevista de emprego, em maio, lá estava ele na van que a jovem pegou para chegar à empresa:

— Minha maior dificuldade nessa busca de emprego era que quando de ônibus sozinho eu ia, eu não sabia pegar uma linha de ônibus até Madureira, onde costuma passear. Segundo a psicóloga Monica Portella, associada do Instituto Internacional de Psicologia Posi-



Edileusa reconhece que a preocupação excessiva pode prejudicar a filha. Aos poucos, está aprendendo a estimular sua independência. Cristielen não conseguiu trabalho, mas matriculou-se em uma autoescola em setembro, uma vitória para quem, aos 18 anos, só sabia pegar uma linha de ônibus até Madureira, onde costuma passear.

Segundo a psicóloga Monica Portella, associada do Instituto Internacional de Psicologia Posi-

tiva, não querer crescer é uma característica da juventude que atravessa gerações. Por isso, diz, os pais devem encorajar os filhos a enfrentar adversidades:

— Isso faz parte do rito de passagem para a vida adulta. Bárbara enfrentou obstáculos desde o nascimento. O pai abandonou a mãe quando estava grávida. Na busca por uma vaga, conseguiu o emprego de seus sonhos: trabalhar em um hotel na Zona Sul. Mas sofreu

um baque menos de três meses após assinar o contrato.

— Um dia fui demitida. Fiquei muito mal, chorei muito. Dava tudo por aquele emprego. Achei que não ia conseguir outro. Mas não queria voltar para a dependência financeira da minha mãe. Fiquei buscando oportunidades em sites de madrugada. Até que fui chamada para uma seleção na FGV Eram 40 candidatos e duas vagas. E eu passei — orgulha-se. ■

**Kalunga.com**  
+150 lojas

Caixa para presente coruja  
**PALONI**  
Dimensões: 25 x 10,5 x 25  
Cód. 794962



R\$ 27,90  
pac. c/ 1 unid.

Caixa para presente coração  
**KAWAGRAFI**  
Dimensões: 20,3 x 9,8 x 20,3  
Cód. 784933



R\$ 21,90  
pac. c/ 1 unid.

Notebook Stilo XC5650  
**POSITIVO**  
Processador Quad-Core,  
memória de 4 GB,  
HD de 500 GB, tela de 14"  
Cód. 221302



R\$ 1.699,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Notebook Stilo XC3650  
**POSITIVO**  
Processador Dual-Core, memória de  
4 GB, HD de 500 GB, tela de 14"  
Cód. 221301



R\$ 1.499,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Smartphone Zenfone 3 MAX ZC520TL\*  
**ASUS**  
Android 6.0, memória interna  
de 16 GB, tela de 5.2"  
Cód. 679238 (preto)  
Cód. 679239 (dourado)



R\$ 1.099,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Smartphone Lenovo Vibe C2\*  
**LENOVO**  
Android 6.0, processador MTK MT6735P  
Memória interna de 16 GB, memória RAM  
de 1 GB, câmera traseira de 8 MP, câmera  
frontal de 5 MP, suporte para cartão  
microSD de até 32 GB, Bluetooth, Wi-Fi,  
4G, tela de 5 polegadas  
Cód. 679222 (dourado)



R\$ 699,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Smartphone Galaxy J7 Duos J700M\*  
**SAMSUNG**  
Android 5.1, processador Octa-Core de 1.5  
GHz, memória interna de 16 GB, câmera  
principal de 13 MP, e câmera frontal de 5  
MP, tela de 5.5"  
Cód. 679107



R\$ 1.249,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Cesta de natal grande\*  
**BAUDUCCO**  
Contém: 1 Panettone 500g, 1 Chocottone 500g, 1 Biscoito  
Champagne 150g e mais 17 produtos Bauducco  
Cód. 925432



R\$ 92,90  
cc. c/ 20 itens

Monitor LED 15,6"  
**AOC**  
Widescreen  
Cód. 477005



R\$ 319,00  
ou em 3x sem juros  
nos cartões

Smartphone Zenfone™ GO\*  
**ASUS**  
Android 5.1, processador  
Qualcomm Snapdragon  
de 1,2 GHz, memória  
interna de 8 GB, câmera  
de 5 MP, tela de 4,5", colors  
Cód. 679216



R\$ 599,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

Smartphone Galaxy J5  
Dual Chip J500M\*  
**SAMSUNG**  
Android 5.1, processador  
Quad-Core de 1.2 GHz,  
memória interna de 16 GB,  
câmera principal de 13 MP e  
frontal de 5 MP, tela de 5"  
Cód. 679104 (preto)  
Cód. 679106 (dourado)



R\$ 969,00  
ou em 10x sem juros  
nos cartões

As ofertas anunciadas têm validade em nossas lojas, na Internet e no Teleshopping. No caso de promoções que envolvam trocas, a apresentação de NF e outros similares terão validade apenas em nossas lojas. Garantimos o estoque de 40 unidades de cada produto ofertado na rede até o término desta promoção ou enquanto durarem nossos estoques. No Teleshopping, exclusivamente para a capital de São Paulo e Grande Rio de Janeiro, o frete é grátis para compras acima de R\$ 250,00. Para os pedidos abaixo desse valor, o frete será por conta do cliente. Promoção para todos os tipos de mercadorias. Para pagamento com cheque somente com aprovação cautelar. Apresentação de CPF, RG, referências pessoais, comprovantes de residência e de rendimentos para Pessoa Física. Para Pessoa Jurídica, adreçar CNPJ, documentos dos sócios, referências comerciais e bancárias. As parcelas mínimas em cheques são de R\$ 30,00 cada. Não abrimos embalagens. **SACK - Serviço de Atendimento ao Cliente Kalunga: 11 3346-9966. \*Linha completa de Smartphones na Kalunga. Consulte disponibilidade nas lojas.**

Não abrimos embalagens.

VENDAS PARA  
**EMPRESAS**

GRANDE SÃO PAULO  
11 3347-7000

OUTRAS LOCALIDADES  
0800-0195566

Ofertas válidas até 27.11.2016  
ou enquanto durarem nossos estoques.



# A SAGA DO PRIMEIRO EMPREGO

## PROFISSÕES LIGADAS A TECNOLOGIA E SAÚDE EM ALTA



**Nas horas vagas.** Gabriel Durans, de 19 anos, é porteiro, faz um curso de mecânica de aviação, tem uma banda e, quando pode, dá aulas de bateria para complementar sua renda

Um mundo ainda mais conectado, sustentável e com uma população maior de idosos. Essas três demandas futuras são apontadas por especialistas em gestão de carreira como um bom termômetro para se identificar profissões com maiores chances de empregabilidade lá na frente. Mas na escolha da profissão também devem pesar as aptidões e os sonhos pessoais, ressaltam os analistas. Algumas das atividades que estarão em alta, aponta Carla Carvalho, assessora de Carreira da Catho, site brasileiro de classificados de empregos, são médico geriatra, gestor de resíduos, biotecnólogo e especialista em armazenamento de dados em nuvens.

— A gente sempre orienta a busca de um equilíbrio. O ideal é pensar a longo prazo e caçar algo que goste, porque, do contrário, o rendimento pode cair com o passar dos anos, e que traga mais segurança quanto a oferta de vagas e bons salários — aconselha Carla.

Fabrizio Vieira, diretor de Operações da recrutadora Korn Ferry Futurestep, diz que é importante os jovens encontrarem a razão de suas escolhas:

— Quando você ama o que você faz, isso influencia positivamente o quanto você será bem sucedido, pois trabalhará com prazer. Isso melhora a produtividade.

**OPORTUNIDADES COM INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO**

A curto prazo, num cenário em que o Brasil precisará aumentar a produtividade para sua economia voltar a crescer, Paulo Sardinha, presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos no Rio de Janeiro, acredita que ocupações ligadas a automação industrial, logística e engenharias serão mais demandadas. Viviane Prado, gerente da Page Personnel, um dos braços da consultoria

de recrutamento PageGroup, lembra que a área de tecnologia da informação foi uma das poucas em que as oportunidades de trabalho não minuíam durante a crise. Para ela, o setor continuará promissor nos próximos anos.

— A tecnologia é um caminho sem volta. Todas as empresas têm departamento de TI. Por isso, profissionais que optarem por essa área têm mais chances — diz Viviane.

Com os recentes investimentos de grupos estrangeiros, os setores de saúde e educação também devem se manter como promissores. Embora no setor público professores e médicos estejam enfrentando dificuldades, como atraso de salário e falta de estrutura em escolas e hospitais, na rede privada ambas as áreas estão contratando.

— O investimento estrangeiro no segmento educacional tende a fortalecê-lo, elevando a demanda por professores. No setor de saúde, há desde laboratórios a empresas de seguro de saúde que estão recrutando gente — diz Viviane.

Além disso, ressalta, a expectativa de vida do brasileiro vem aumentando, o que deve elevar a busca por profissionais de saúde com diferentes níveis de escolaridade, de fisioterapeutas e médicos geriatras a acompanhantes de idosos.

Uma esperança para Cristiellen Pereira, de 18 anos. Ela concluiu o ensino médio no fim do ano passado, mas as tentativas para conseguir uma vaga foram em vão. Após seis meses de angústia, decidiu voltar para os bancos escolares. No fim de agosto, matriculou-se em um curso técnico de enfermagem, profissão que admira desde menina. As aulas são aos sábado e têm exigido empenho não apenas da es-

tudante como também de seus pais. O curso consome quase 10% do orçamento familiar de R\$ 3 mil. Será assim por um ano e meio.

— Ficar tanto tempo em casa dá um certo desânimo. A gente fica procurando, procurando e nunca tem oportunidade. Achei que valia mais a pena voltar a estudar, mas não parei de procurar não — diz Cristiellen.

Continuar estudando também foi uma opção para Gabriel Durans, de 19 anos, que desde maio trabalha como porteiro. Com ensino médio completo, ele aproveita os sábados livres para se dedicar às aulas de mecânica de aviação em um curso especializado.

Qualquer tempo livre, seja no trabalho ou no trajeto de casa, em Itaipu (Niterói), para o curso, em Bonsucesso, no Rio, é dedicado à leitura de como funcionam motores de helicópteros ou turbinas de aviões. O próximo passo será fazer uma prova da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), para obter a habilitação de mecânico de aviação.

— Não vejo a hora de fazer a prova — diz Gabriel, que também dá aulas de bateria nas horas vagas.

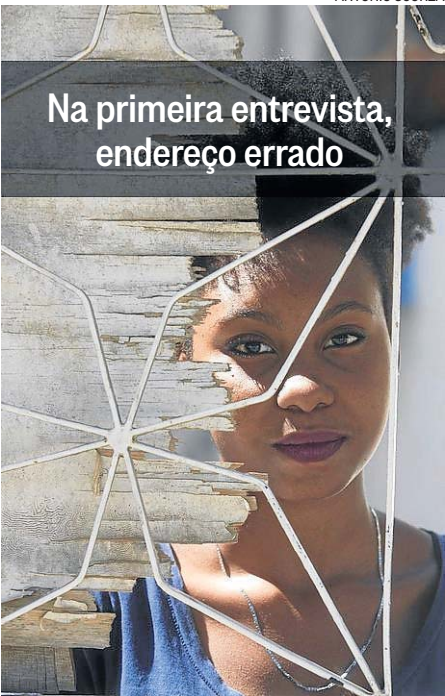
Para quem está cursando o ensino fundamental ou os últimos anos do colégio, outra solução possível é o programa Jovem Aprendiz. Por lei, todas as empresas de médio e grande portes têm de contratar um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% do seu quadro de pessoal, cujas funções demandem formação profissional. São contratos de 11 ou 17 meses, com quatro a seis horas de trabalho diárias quatro vezes por semana e um dia de curso. ●

**AS APOSTAS PARA O ANO QUE VEM**  
Cinco áreas que prometem estar em alta em 2017  
[glo.bo/2g6QHwp](#)



**Acidente na van a caminho do curso**

Mesmo saindo com antecedência de casa para chegar ao curso técnico na hora certa, Tamela Cirsa não consegue evitar os contratempos do transporte público. Moradora do extremo Leste da capital paulista, ela precisa pegar uma van para chegar até a estação do metrô e, de lá, alcançar a região central. Foi no início do trajeto que a jovem, ao se amontoar no veículo lotado com outros passageiros, prendeu a mão na alavanca e lesionou um nervo. “Esse é o trajeto diário mais longo que já fiz, mas sei que quando arrumar emprego não vai ser perto de casa”.



**Na primeira entrevista, endereço errado**

Cristiellen Pereira acordou às 5h30m. Meia hora depois, embarcou numa van, rumo a Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio. A viagem desde Deodoro, também na Zona Oeste, durou cerca de 50 minutos. No percurso, não desgrudou do namorado, Willamy. Era sua primeira entrevista de emprego, mas ela não sabia o nome da empresa nem o cargo que disputaria. Com o endereço errado em mãos, ficou perdida e por pouco não perdeu a hora. Para domar o nervosismo, lembrou-se do conselho da mãe: “Eu posso, eu quero, eu consigo”. Mas não foi dessa vez.

## COLEÇÃO

# O acervo milionário do banqueiro falido

Leilão em São Paulo venderá centenas de obras de arte de Edegar Cid Ferreira, ex-dono do Santos. Lance mínimo chega a até R\$ 1,1 milhão

**ALESSANDRO GIANNINI**  
alessandro.giannini@sp.oglobo.com.br  
-SÃO PAULO-

Com peças cujo lance mínimo pode chegar a R\$ 1,1 milhão — caso da escultura “Vestal Reclinada com Pássaro” em granito, de Victor Brecheret —, uma parte importante do acervo particular de Edegar Cid Ferreira, ex-dono do Banco Santos, que faliu em 2005, será leiloadada na terça-feira, no Hotel Unique, em São Paulo. Entre os 214 lotes que serão ofertados — além de obras de arte, há também itens de mobiliário —, destacam-se ainda peças como “Anunciação”, fundição póstuma de escultura em bronze da artista Maria Martins, avaliada inicialmente em R\$ 500 mil, e obras de grandes dimensões, como a instalação em ferro “Tríade Trindade”, de Tunga, morto recentemente, cujo preço inicial é de R\$ 400 mil.

Há ainda as curvas inconfundíveis da cadeira reclinada de repouso “Rio”, assinada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que está sendo oferecida com lance mínimo de R\$ 35 mil.

Outros 500 itens, como fotografias, móveis e peças de decoração de autoria não definida, também da coleção do ex-banqueiro, poderão ser arrematadas eletronicamente até o dia 29, com lances feitos diretamente no site do leiloeiro Aloisio Cravo (aloisioacravo.com.br). Ao todo, a administração da massa falida do Banco Santos pretende vender 719 peças, avaliadas em R\$ 10 milhões.

Segundo Cravo, a coleção de Cid Ferreira reúne um “conjunto eclético”:

— Toda coleção tem uma magia. E o colecionador, neste caso, era muito bem assessorado. Ele sabia o que queria e contava com bons conselheiros para adquirir as obras.

O conjunto tem raridades, como o óleo sobre tela “Menina no sofá” (1950), obra seminal de Djanira, que tem lance

**ALGUMAS OBRAS QUE SERÃO LEILOADAS**  
Fotogaleria mostra parte do acervo  
[glo.bo/2gs3HQw](#)



**No pregão.** O óleo sobre tela “Prumo”, de Antônio Manuel, e o nu “Mindahl”, de Wesley Duke Lee, são algumas obras

inicial de R\$ 40 mil, e no início da semana passada já havia recebido ofertas de até R\$ 56 mil. Ou “Negra”, tela da fase figurativa de Iberê Camargo, com preço inicial de R\$ 75 mil.

Fazem parte da coleção que será apreçoada na terça-feira trabalhos de Aldo Bonadei, Amílcar de Castro, Daniel Senise, Jorge Guinle, Nelson Leiner, Oscar Niemeyer e Rubens Gerchman, entre outros artistas. Das peças de mobiliário, destacam-se a luminária “Golden Ribbon”, de Ingo Maurer, originária da Alemanha, e antiguidades como o “Torso Romano Imperial”, do século II ou III D.C., e peças étnicas, como a “Máscara Ibíbio”, da cultura Ekoi, na África.

Paralelamente aos leilões no Brasil, Vanio Aguiar, administrador da massa falida do Banco Santos, informa que outra parte da coleção de obras de arte de Cid Ferreira também está sendo oferta-

da em pregões no exterior. No início de outubro, a Sotheby’s, de Londres, vendeu a tela “Hannibal”, do americano Jean-Michel Basquiat, por cerca de R\$ 40 milhões.

O trabalho de Basquiat foi recuperado no exterior por meio de acordo com a Justiça dos Estados Unidos. Uma tela do pintor uruguaio Torres Garcia e outra do americano Roy Lichtenstein também foram recuperadas lá fora e repatriadas, mas enviadas de volta ao exterior para serem leiloadas.

— São obras mais caras, que não encontram compradores aqui, só têm mercado lá fora. Por isso, várias obras que recuperamos no exterior nem foram trazidas para cá — explica Aguiar, informando que cerca de 70 obras do ex-banqueiro já foram vendidas em países estrangeiros, num total de R\$ 70 milhões. ●